

A INSERÇÃO DOS NEGROS NOS MERCADOS DE TRABALHO METROPOLITANOS

A sociedade brasileira comemora, no próximo dia 20 de novembro, o Dia da Consciência Negra, data consagrada por representantes e lideranças do movimento negro brasileiro para homenagear Zumbi dos Palmares (1655-1695) e os ideais de liberdade que, simbolicamente, o líder negro representa.

Nas regiões metropolitanas a população negra, composta de pretos e pardos, tem uma presença marcante no mercado de trabalho e, no entanto, é alvo de grande discriminação. As informações analisadas pela Pesquisa de Emprego e Desemprego – Sistema PED, realizada através do Convênio entre o DIEESE, a Fundação Seade, o Ministério do Trabalho (MTE/FAT) e parceiros regionais no Distrito Federal e nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo – têm mostrado que, apesar da redução das desigualdades ao longo das últimas décadas, ainda persistem diferenças significativas nas condições de trabalho vivenciadas por negros e não negros.

Em 2011, os negros eram cerca de dois terços da População em Idade Ativa (PIA) e da População Economicamente Ativa (PEA), maioria em relação aos não negros, nas regiões de Belo Horizonte, Fortaleza, Recife, Salvador e no Distrito Federal. Em Salvador, os negros apresentaram a participação mais elevada na PIA (88,8%) e na PEA (89,0%).

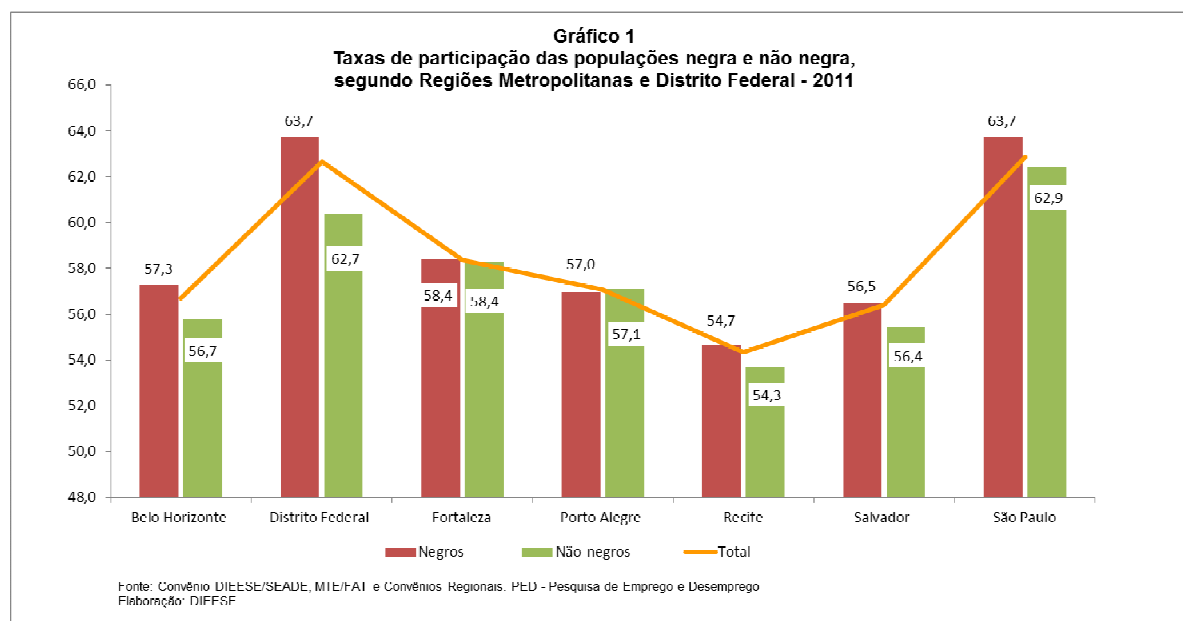
No entanto, a inserção produtiva desse segmento revela a dimensão da discriminação vivida. Os negros estão mais presentes em ocupações mais precárias, caracterizadas pela ausência de proteção social e jornadas de trabalho mais extensas e, por consequência, menores remunerações.

Mercado de Trabalho

Nas regiões pesquisadas pelo Sistema PED, verificou-se uma inserção relativa ligeiramente superior da população negra na População Economicamente Ativa (PEA), comparada à da parcela não negra, o que reflete seu maior engajamento relativo na força de trabalho.

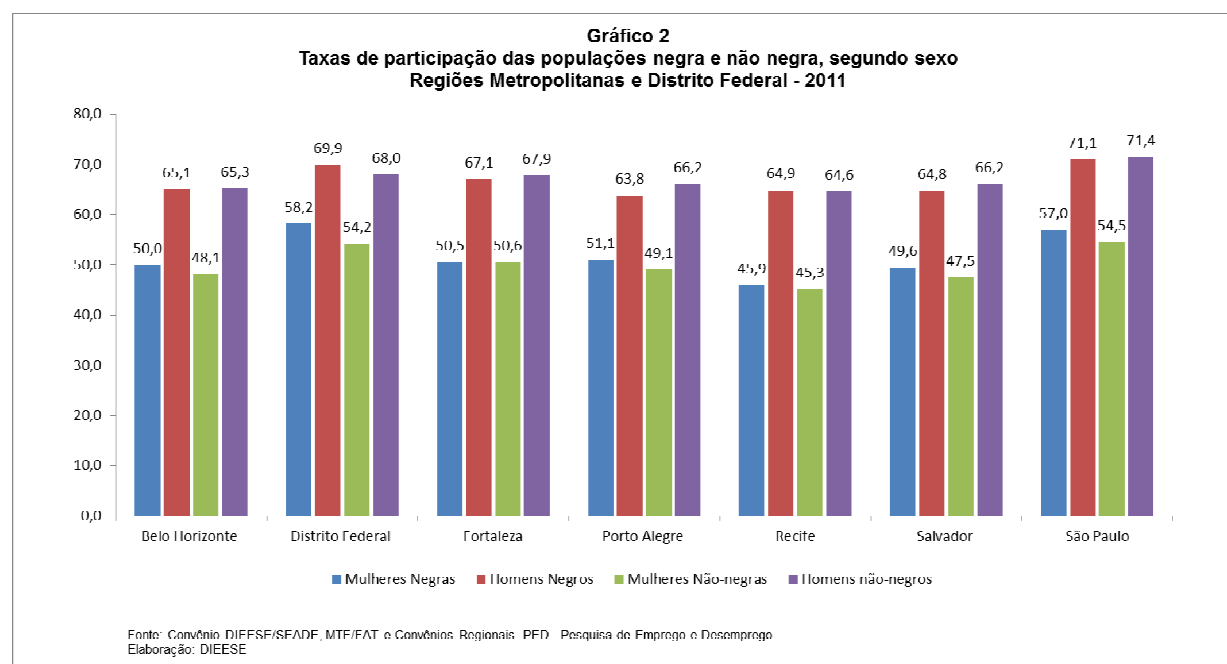
Entre 2010 e 2011, a taxa de participação – a parcela da população maior de 10 anos que está no mercado de trabalho – decresceu tanto para negros quanto não negros na maioria das regiões pesquisadas. Em Porto Alegre houve ligeiro crescimento da taxa de participação da população negra e Recife apresentou uma pequena variação positiva.

Comparativamente, à exceção de Fortaleza e Porto Alegre, onde as taxas de participação de negros e não negros eram semelhantes em 2011, nas demais regiões, as inserções no mercado de trabalho dos negros foi sempre mais elevada diante dos não negros (Gráfico 1).



O exame das taxas de participação segundo cor e sexo mostra que, entre os homens, as taxas de participação de negros e não negros são bastante semelhantes e continuam mais elevadas do que as verificadas para as mulheres. A inserção produtiva das

mulheres negras no mercado de trabalho foi superior à das não negras em todas as regiões pesquisadas. No Distrito Federal e na Região Metropolitana de São Paulo, a presença da mulher negra mostrou-se mais intensa que nas demais regiões, 58,2% e 57,0%, respectivamente. Na Região Metropolitana do Recife as mulheres negras e não negras apresentaram as menores taxa de participação refletindo uma situação mais desigual em relação aos homens quanto à participação no mercado de trabalho (Gráfico 2).

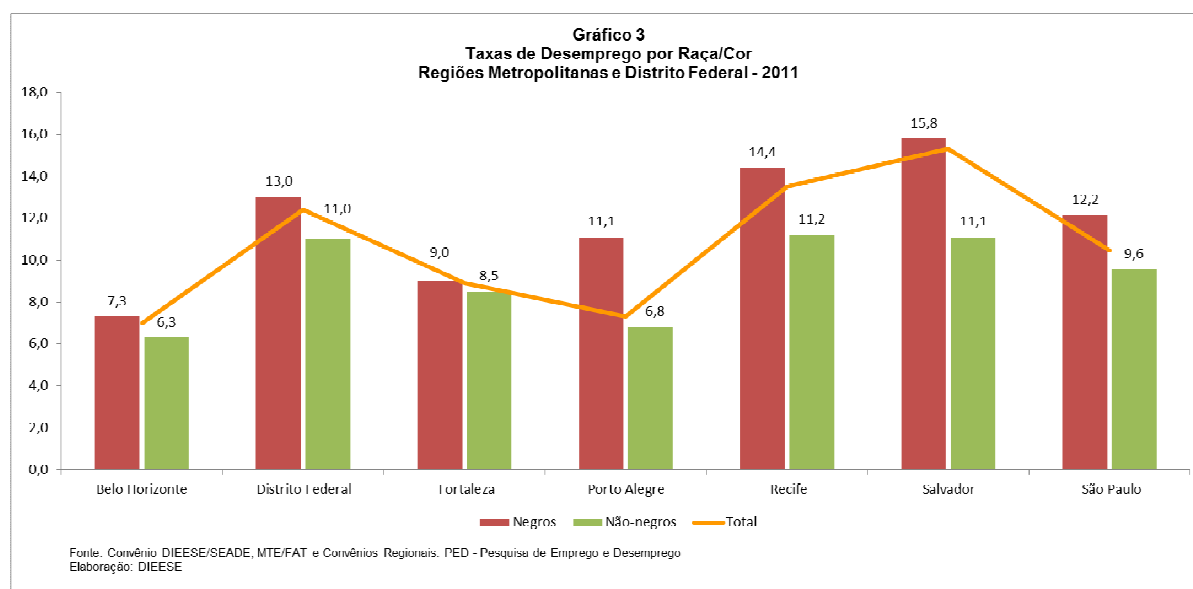


Desemprego

Apesar da intensidade da presença dos negros no mercado de trabalho metropolitano, esse segmento populacional ainda convive com patamares de desemprego mais elevado. No último ano, a proporção de negros no contingente de desempregados na maioria das regiões foi superior a 60,0%, exceto nas Regiões Metropolitanas de Porto Alegre (18,2%) e São Paulo (40,0%). Contudo, em todas as regiões, independentemente do peso relativo da população negra, observa-se um padrão de inserção desse segmento na condição de desempregados, ou seja, a proporção de negros entre os desempregados é sempre superior à parcela de negros entre os ocupados e no conjunto da População Economicamente Ativa (PEA).

Na Região Metropolitana de Porto Alegre, a proporção de negros na PEA foi de 12,0%, enquanto no contingente de desempregados correspondeu a 18,2%. Já na Região Metropolitana de Salvador, a população negra representava 89,0% da População Economicamente Ativa e 92,0% entre os desempregados.

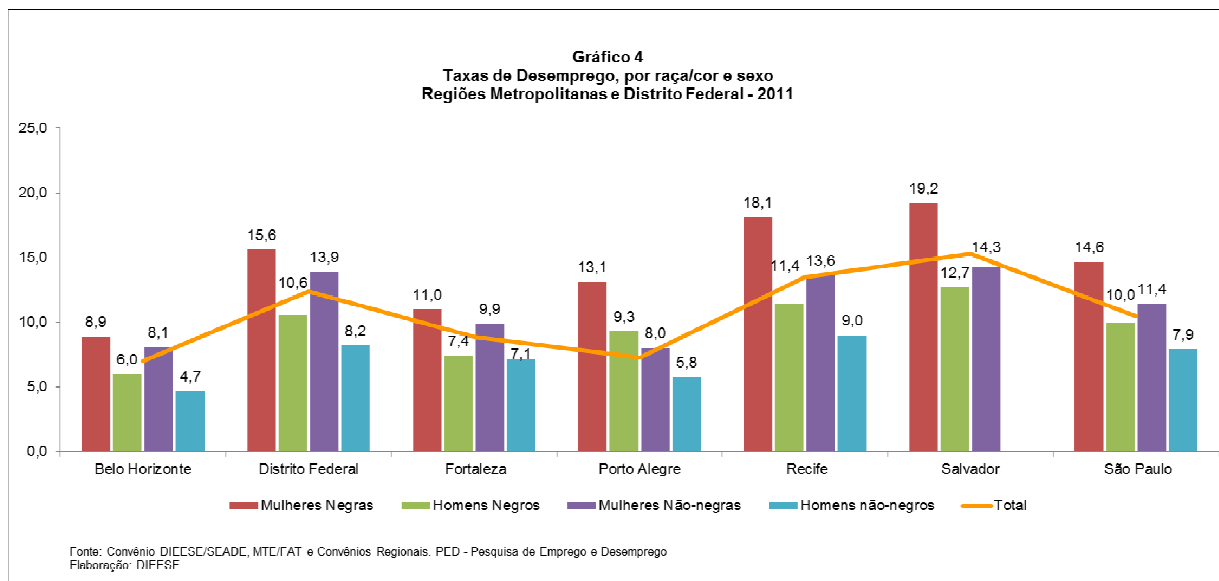
O desemprego vem declinando a partir de meados dos anos 2000. Entre 2010 e 2011, as taxas de desemprego apresentaram reduções em todas as regiões analisadas. Contudo, a desagregação dos dados pelos grupos de cor/raça mostra que a redução do desemprego ocorreu tanto para o grupo dos negros, quanto para o dos não negros. Porém, a diminuição dos níveis de desemprego para ambos os segmentos populacionais, não alterou a incidência mais acentuada do desemprego entre os negros (Gráfico 3).



No período em análise, na maioria das regiões, a redução do desemprego total para os negros foi percentualmente maior do que para não negros. O movimento observado diminuiu a distância entre as taxas de desemprego de negros e não negros em todas as regiões com exceção de Porto Alegre.

Na análise por raça/cor e sexo, destaca-se a sobreposição da discriminação sobre as mulheres negras que apresentam as mais elevadas taxas de desemprego em comparação aos demais grupos. O desemprego atingia mais as mulheres negras do que

os homens negros e não negros, em 2011. Na Região Metropolitana do Recife, a taxa de desemprego das mulheres negras (18,1%) equivalia a duas vezes a taxa dos homens não negros (9,0%). A menor distância foi observada na Região Metropolitana de Fortaleza (mulheres negras, 11,0%, e homens não negros, 7,1%) (Gráfico 4).



Ocupação

Em relação à composição setorial da ocupação, os negros acompanham o padrão verificado para os trabalhadores não negros, concentrando-se no setor de serviços. No entanto, o setor absorvia, relativamente, mais os trabalhadores não negros que os negros. Em 2011, na maioria das regiões pesquisadas, o setor de Serviços absorvia mais da metade dos ocupados, negros e não negros, exceto nas regiões metropolitanas de Fortaleza e de São Paulo, nas quais os ocupados negros eram 43,3% e 48,8%, respectivamente. O Comércio foi o segundo setor com maior participação relativa na distribuição dos ocupados, negros e não negros, em cinco das sete regiões. Na Região Metropolitana de São Paulo, a Indústria, segundo setor de maior participação na ocupação, a proporção de não negros superava a de negros (18,4% contra 17,2%) e em Fortaleza, o Comércio e a Indústria possuem igual proporção de ocupados negros (19,2%) (Tabela 1).

Tabela 1
Distribuição dos Ocupados, por Raça/Cor e Sexo, segundo Setores de Atividade Econômica
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal - 2011

(Em porcentagem)

Setor de Atividade	Total	Cor e Sexo					
		Negra			Não-negra		
		Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Belo Horizonte							
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	14,1	14,3	9,2	18,4	13,7	9,4	17,6
Comércio	15,1	15,3	15,5	15,1	14,9	15,2	14,7
Serviços	56,0	52,9	56,6	49,9	61,3	66,0	57,2
Construção Civil	7,9	9,2	(2)	15,7	5,6	(2)	9,5
Serviços Domésticos	6,5	8,1	17,4	(2)	4,0	8,0	(2)
Outros (1)	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)
Distrito Federal							
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	3,8	4,0	2,6	5,2	3,3	(2)	4,1
Comércio	16,1	16,5	15,0	17,7	15,2	14,6	15,6
Serviços	66,4	63,9	63,2	64,6	71,8	71,7	71,9
Construção Civil	5,6	6,3	(2)	11,1	4,1	(2)	7,2
Serviços Domésticos	7,3	8,4	17,1	(2)	4,7	9,2	(2)
Outros (1)	0,9	0,9	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)
Fortaleza							
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	18,8	19,2	20,0	18,5	17,8	17,8	17,9
Comércio	19,4	19,2	19,1	19,2	20,2	21,3	19,2
Serviços	45,1	43,3	42,4	44,1	50,3	49,8	50,7
Construção Civil	7,5	8,3	(2)	14,5	5,2	(2)	9,3
Serviços Domésticos	7,7	8,5	17,4	1,3	5,3	10,0	(2)
Outros (1)	1,5	1,6	(2)	2,4	(2)	(2)	(2)
Porto Alegre							
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	17,3	13,2	8,9	17,1	17,8	13,6	21,3
Comércio	16,3	13,7	13,8	13,7	16,6	17,6	15,8
Serviços	54,3	52,0	53,3	50,9	54,5	57,7	51,9
Construção Civil	6,3	9,5	(2)	17,6	5,9	(2)	10,2
Serviços Domésticos	5,5	11,3	23,4	(2)	4,8	10,3	(2)
Outros (1)	0,3	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)
Recife							
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	9,1	9,1	4,7	12,5	9,1	5,6	12,2
Comércio	19,0	18,9	19,7	18,2	19,4	19,9	19,0
Serviços	54,9	52,5	51,6	53,1	60,1	62,2	58,3
Construção Civil	6,6	7,3	(1)	12,6	5,0	(1)	8,5
Serviços Domésticos	8,0	9,4	20,4	1,0	4,9	9,8	(1)
Outros (1)	2,4	2,8	3,1	2,6	1,4	(1)	(1)
Salvador							
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	8,9	8,8	4,8	12,2	9,4	(2)	13,3
Comércio	16,6	16,2	17,4	15,3	19,3	20,2	18,5
Serviços	57,0	56,2	57,7	54,9	63,0	66,1	60,1
Construção Civil	8,4	9,0	(2)	15,9	(2)	(2)	(2)
Serviços Domésticos	8,3	8,8	18,4	(2)	(2)	(2)	(2)
Outros (1)	0,9	0,9	(2)	(2)	(2)	(2)	(2)
São Paulo							
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	18,0	17,2	12,4	21,3	18,4	13,8	22,2
Comércio	15,8	15,0	15,3	14,7	16,2	16,4	16,1
Serviços	52,6	48,8	50,0	47,7	54,6	57,3	52,2
Construção Civil	6,1	8,4	(2)	15,1	4,9	0,8	8,2
Serviços Domésticos	7,0	10,1	21,5	(2)	5,4	11,3	(2)
Outros (1)	0,6	(2)	(2)	(2)	0,6	(2)	0,7

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: Raça/cor negra = pretos + pardos; Raça/cor não negra = brancos + amarelos.

(1) Incluem agricultura, pecuária, extração vegetal e outras atividades não classificadas.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Na Construção Civil e nos Serviços Domésticos, onde predominam postos de trabalho com menores exigências de qualificação profissional, rendimentos mais baixos, relações de trabalho mais precárias e, por consequência, menos valorizadas, observou-se maior participação dos ocupados negros em comparação aos não negros. Na Construção Civil, setor tipicamente masculino, verificou-se que o percentual de homens negros foi bem

mais elevado do que não negros. Em 2011, na Região Metropolitana de Porto Alegre a proporção de homens negros ocupados (17,6%) era superior em 7,4 pontos percentuais ao de não negros (10,2%) (Tabela 1).

Em 2011, destaca-se o peso relativo dos Serviços Domésticos para a ocupação dos negros, assumindo, em boa parte das regiões pesquisadas, papel relevante na ocupação da população feminina. Em seis regiões, o emprego doméstico assume o papel de segundo setor mais importante para a ocupação das trabalhadoras negras em contrapartida às não negras. Nas Regiões Metropolitanas de Porto Alegre, Recife e São Paulo, esse setor absorvia pouco mais de 20% do total das mulheres negras ocupadas (uma em cada cinco), patamar bem superior ao das mulheres não negras (Tabela 1).

A análise detalhada da distribuição dos ocupados segundo formas de inserção revela, além da heterogeneidade da estrutura ocupacional nas regiões, as expressivas desigualdades de acesso ao mercado de trabalho entre negros e não negros. O assalariamento foi a forma predominante de inserção ocupacional no mercado de trabalho para os ocupados negros e não negros em 2011. Em todas as regiões, a proporção de assalariados negros e não negros foi acima dos 60,0%. Nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre e no Distrito Federal a participação dos assalariados negros e não negros é semelhante e representa mais de 70,0%, no total de ocupados de cada região. No assalariamento privado, proporcionalmente, os ocupados negros estão mais representados que os não negros com carteira de trabalho assinada nas regiões de Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre, Salvador e São Paulo.

No setor público, onde o ingresso ocorre principalmente através do concurso público, é notável a menor presença entre os ocupados negros em relação aos não negros em todas as regiões investigadas pelo Sistema PED. A explicação para essa diferença possivelmente tem origem no fato de cerca da metade dos assalariados públicos possuírem nível de escolaridade superior. A maior distância entre as participações de negros e não negros assalariados no setor público foi observada no Distrito Federal, 19,8% contra 28,7%, em 2011.

As formas de inserção dos trabalhadores negros ocupados ainda são marcadas pela precariedade quando se constata que, mesmo com o crescimento do emprego mais formalizado, a participação relativa dos negros é maior nas ocupações onde prevalece a ausência da proteção previdenciária e, em geral, os direitos trabalhistas são desrespeitados. Em 2011, os trabalhadores negros se encontravam proporcionalmente mais inseridos que os não negros no assalariamento sem carteira de trabalho assinada, entre os trabalhadores autônomos e os empregados domésticos. Nas regiões metropolitanas de Fortaleza, Recife e Salvador verificaram-se as maiores proporções para essas inserções ocupacionais.

Jornada de trabalho mais elevada

A jornada média semanal de trabalho dos ocupados negros permaneceu estável em quase todas as regiões entre 2010 e 2011. A jornada média de trabalho dos ocupados negros foi superior em 1 hora de trabalho nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Fortaleza, Recife e Salvador. A jornada de trabalho mais extensa foi registrada na Região Metropolitana do Recife com 45 horas semanais, em 2011, para negros e não negros. Com os dados do último ano, é possível afirmar que os negros, quando conseguiram romper os mecanismos discriminatórios e lograram se inserir enquanto ocupados no mundo do trabalho, trabalharam relativamente mais que os não negros.

Rendimentos do Trabalho

Entre 2010 e 2011, os rendimentos médios reais dos negros cresceram em quase todas as regiões investigadas, mas, ainda assim, a remuneração dos negros é, em todas as regiões, bastante inferior a dos demais. Na Região Metropolitana de São Paulo, em 2011, os negros ocupados trabalharam a mesma jornada média de 42 horas semanais e o seu rendimento mensal correspondeu a apenas 61,7% do recebido pelos não negros. Quando comparados os rendimentos do trabalho, a associação entre raça e gênero evidencia a sobreposição discriminatória que atinge as mulheres negras.

A dimensão da desigualdade dos rendimentos dos negros em relação aos não negros no mercado de trabalho fica evidente quando se analisa os rendimentos médios reais por

hora trabalhada. Em 2011, destacaram-se, as regiões de Salvador e São Paulo, locais em que o valor da hora trabalhada dos ocupados negros correspondia, respectivamente, a 60,9% e 61,0% do auferido pelos não negros. As situações menos desiguais, no que diz respeito a rendimentos, foram encontradas em Fortaleza e Porto Alegre, onde os valores das horas trabalhadas dos ocupados negros equivaliam a 73,3% e 70,6% dos não negros, respectivamente.

No recorte sexo, o rendimento por hora das mulheres é, em média, inferior ao dos homens em todas as regiões analisadas. E quando os rendimentos médios das mulheres negras são comparados aos dos homens não negros, que têm remunerações bem maiores, a duplicidade de discriminação – raça/cor e gênero – fica evidente. Em todas as regiões analisadas, o rendimento médio real por hora trabalhada das mulheres negras ocupadas correspondeu no máximo a 58,3%, em Porto Alegre, e 58,6%, em Fortaleza, do valor auferido pelos homens não negros. No Distrito Federal e na Região Metropolitana de São Paulo, o valor da hora trabalhada das mulheres negras não representava 50,0% do recebido pelos homens não negros (Gráfico 5).

